

# Uma análise do conhecimento *casmurro*

Luiz Carlos Gomes Jr

Graduação em Filosofia/UFS

O objetivo deste artigo é investigar no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, se é possível “Bentinho saber que Capitu o traiu”, a fim de introduzir a importante discussão epistemológica acerca do conceito de conhecimento.

Durante vários anos, *Dom Casmurro* fora reduzido a um único problema: Capitu traiu Bentinho? Ainda que o romance tenha sido escrito como uma novela, já que partes do livro saíam diariamente nos jornais do Rio de Janeiro, isso não significa que devemos rebaixá-lo ao nível das *telenovelas* globais. Há um largo abismo que separa o mistério (enigma) da obra machadiana e o de quem matou certo personagem da novela das oito horas da noite.

Para não cometermos o mesmo equívoco, o ponto de conexão entre a literatura e a filosofia que buscaremos criar no romance *Dom Casmurro* é nevrálgico para a epistemologia, a saber, o conceito de conhecimento. Reformulemos então a pergunta: Bentinho sabia que Capitu o traiu? Para Bentinho saber que Capitu o traiu não é necessário descobrir se Capitu traiu ou não Bentinho, mas refletir sobre as condições necessárias para alguém saber ou conhecer algo. Perguntar pelas condições para alguém conhecer algo nos conduzirá à reflexão sobre o que é o conhecimento.

Não é nosso objetivo definir conhecimento. Para tanto, teríamos que dialogar com toda uma tradição filosófica que discutiu o problema e apresentou vários modos de investigá-lo, o que extrapolaria nossa capacidade. Partimos do conceito tradicional de conhecimento como (I) crença (II) justificada e (III) verdadeira que remonta aos tempos de Platão e que perdurou, com um “certo” consenso, até o início do século XX. Acreditava-se que, todas as vezes que alguém tivesse uma crença verdadeira e justificada, tinha-se conhecimento. Assim, segundo a análise tradicional do conhecimento (ATC), “Bentinho sabe que Capitu o traiu” se ele tiver a crença na infidelidade de Capitu, a traição for verdadeira e ele estiver justificado nessa crença, ou seja, tiver boas razões para crer na infidelidade de Capitu.

Esse ainda não é o momento de fazermos um julgamento a respeito dessa definição de conhecimento. Há, com efeito, alguns problemas na ATC, o que levou parte dos filósofos a buscar uma quarta cláusula para definir o conhecimento, e outros, por seu turno, têm se esmerado em refutar as críticas para defen-

dê-la. Certa ou errada a ATC, suficiente ou não para definir conhecimento, parece haver um consenso entre essas duas linhas de argumentação segundo as quais se tem conhecimento quando, *no mínimo*, houver uma crença verdadeira justificada. Convém dizer, porém, que esse consenso não se dá quanto ao conceito de crença, justificção e verdade.

A fim de cumprirmos com nosso objetivo, dividimos este artigo em três partes principais. Em cada parte nos dedicamos separadamente à análise de uma das condições para o conhecimento proposicional definido como (I) crença (II) justificada e (III) verdadeira. Assim, na primeira parte buscamos demonstrar se Bentinho tinha a crença na infidelidade de Capitu e se ele está convicto quanto a isso. A segunda parte está dividida em três subitens, nos quais separamos as razões de Bentinho para crer na infidelidade de sua esposa e as sopesamos com as contra-razões capazes de enfraquecer a justificção naquela crença, além de, já no terceiro subitem, refletindo sobre a personagem Capitu, separamos questões morais das epistemológicas acerca da definição de conhecimento. Na terceira parte apresentaremos um conceito para a verdade, porém sem pretensões de descobrir a Verdade do enigma machadiano no romance, pois julgamos que o foco de uma investigação “epistemológica esclarecida” está no fortalecimento de boas razões para crer em algo.

## 1. Crença

Crer é acreditar em algo que lhe parece verdadeiro. É assumir uma posição em relação a uma proposição. Representa um estado mental, pois não é possível existir crenças escondidas na natureza, seja no mundo “espiritual”, seja no “mineral”. A crença é um atributo inerente ao homem.

Normalmente, cremos em algo que presumimos verdadeiro. No entanto, não se deve confundir crença e verdade. Assumir algo como verdadeiro é indiferente para a verdade, pois nossas crenças por si só não o tornam verdadeiro. Bentinho pode ter plena convicção de que Capitu lhe foi infiel, isto é, crer com convicção, sem que essa crença seja verdadeira. É comum acreditarmos que as coisas ocorrem de uma forma, e termos plena convicção na sua verdade, e depois descobrimos que estávamos enganados. Isso se dá porque crença e verdade são conceitos independentes.

Enquanto atividade do intelecto, as crenças são subjetivas, porque dependem do juízo que cada uma faz sobre determinado fenômeno. Nossas crenças e as dos personagens do romance, ninguém pode ter acesso a elas enquanto se limitarem a esse estado da atividade mental, pois é mister fixá-las na forma de proposição para que sejam transmitidas como linguagem. As proposições têm aqui o sentido de um relato sobre determinado estado de coisa apto a ser considerado verdadeiro ou falso e possível de ser transmitido significativamente aos outros.

Durante uma discussão sobre a ida de Bentinho para o seminário, quando ele ainda era criança e já iniciara o namoro com Capitu, esta permanece estranhamente calada, provocando dúvidas em Bentinho em relação aos sentimentos dela para com ele. Em uma demonstração da obsessão de Bentinho para saber o que Capitu está pensando, observa-se que este é um recurso ao qual Machado de Assis não lhe dá acesso nem a nós, pois, como dito, a crença é subjetiva enquanto estado mental. Diz Bentinho: “Capitu refletia, refletia, refletia” (Assis, 1983, p. 86). O fato de que Capitu refletia é uma descrição de seu comportamento observado por Bentinho. Sobre o que ela refletia, isto é, o conteúdo capaz de revelar-lhe as crenças é inacessível a ele e a nós, enquanto permanecer na mente dela. Curiosamente o título do capítulo XLII é “Capitu refletindo”.

O que mais nos interessa são as crenças de Bentinho, já que o ponto a ser analisado é “Bentinho sabia que Capitu o traiu”. As crenças, formuladas na forma de proposições, dos demais personagens ser-nos-ão importantes ao investigarmos as razões para Bentinho crer na infidelidade de Capitu. Para Bentinho ter conhecimento, porém, deverá crer que Capitu o traiu. Sem crença, não há conhecimento.

É preciso crer com convicção. A descrença, a dúvida e a suspensão do juízo nos impedem de conhecer algo. Havendo convicção, cumpre-se a primeira condição. Como a história do *Dom Casmurro* é narrada pelo próprio Bentinho, temos amplo acesso aos seus pensamentos e às suas crenças, já que estão na forma de proposições. É no final da obra que Bentinho, após rememorar todos os acontecimentos de sua vida, conclui pela traição de Capitu e revela estar convicto dessa crença:

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum incidente. [...] Mas eu *creio* que não e tu concordarás comigo; se te lembras da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca (Assis, 1983, p. 248).

Em outra passagem, Bentinho reforça sua convicção: “uma cousa fica, e é a suma das sumas, o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga [Capitu] e o meu maior amigo [Escobar] [...] quis o destino que acabassem juntando-se” (Assis, 1983, p. 248).

No romance, Bentinho nos narra e nos conduz por um percurso que vai desde a fase angelical de sua infância, passando pelo início da sua desconfiança e pelo processo através do qual constrói sua crença, até a plena convicção. O primeiro momento em que Bentinho desconfia da fidelidade de Capitu ocorre quando aquele se encontrava no seminário, por ter sido obrigado pela mãe, e pergunta a José Dias como vai Capitu. José Dias é o primeiro a plantar a semente da desconfiança, quando diz: “Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...”. A reação de Bentinho é imediata ao nos revelar o que pensou naquele momento: “Estou que empalideci [...], senti um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito” (Assis, 1983, p. 119-20).

Convém observar que o processo de reforço da crença dá-se com a reconstrução dos fatos. Bentinho narra a história de sua vida e nos deixa as evidências segundo as quais chegou a crer na infidelidade de sua esposa. Acredita em algo por conta de algumas razões. E a pista que nos deixa é verificar se a menina de Matacavalos, quando Capitu era criança, é a mesma da praia da Glória, onde o casal foi morar após o casamento.

Acompanhar os argumentos de Bentinho ao nos narrar suas razões para crer na infidelidade será um dos nossos objetivos no próximo tópico. Todavia, antes disso, impende dizer que crença também é independente do conceito de justificação. Não obstante o personagem possa estar justificado para crer na *infidelidade*, nada o impediria de optar crer na *fidelidade* de Capitu mesmo que a história seja a mesma. Essa é uma das razões que reforçam a subjetividade da crença. Sendo assim, quanto às crenças de Bentinho, não nos coube atribuir um valor, mas somente demonstrar o seu grau de convicção.

## 2. Justificação

O único filósofo citado por Bentinho é Montaigne, que certa vez escreveu de si: “estes não são os meus gestos que escrevo; este sou eu, é minha essência” (apud Assis, 1983, p. 131).<sup>1</sup> Bentinho está velho e solitário e resolve relembrar sua vida escrevendo o *Dom Casmurro*. Cita essa passagem do filósofo, para dizer que está disposto a nos revelar todos os fatos que lhe aconteceram durante a vida e envolviam o enigma da fidelidade de sua esposa. Quer dar às suas palavras um ar de quem apenas expõe fatos e requer uma conclusão do seu leitor.

---

1 Tradução nossa de: “ce ne sont pas mes gestes qui j'écris; c'est moi, c'est ma essence”.

Narrará sua história com base na memória, o que pode nos gerar alguns problemas, porque é provável que ele substitua lapsos de memória por elementos da imaginação. Bentinho é quem se autodenuncia: “a minha memória não é boa” (Assis, 1983, p. 81); e “a imaginação foi a companheira de toda a minha existência” (Assis, 1983, p. 113).

Se os fatos se deram tal como os narrados por Bentinho, esse é um problema que diz respeito à verdade, e não à justificação. Fortalecer as evidências de uma crença, ou seja, mostrar-se justificado em crer em algo, pode diminuir a possibilidade do erro na inferência, mas não garante a verdade. Justificação e verdade, como se vê, não têm correspondência necessária. Bentinho pode estar justificado em crer na infidelidade de Capitu sem que isso seja verdadeiro. Mas para saber que Capitu o traiu é imprescindível apresentar boas razões. Meros palpites e a sorte estão excluídos do conceito de conhecimento

Como *Dom Casmurro* é um livro ficcional de memória do personagem Bentinho, e todos os eventos a que temos acesso na história são possíveis em razão da mente dele, não temos como separar de forma inexorável o que verdadeiramente aconteceu daquilo que é imaginação. Mas será possível separar a “narração dos fatos” do “juízo” que Bentinho faz a seu respeito. Os julgamentos de Bentinho significam o valor que ele atribui a determinado acontecimento durante a história para *justificar* sua crença de que Capitu o traiu. É uma interpretação, uma leitura pessoal, e pode variar entre os outros personagens, já que cada qual tem os seus valores e formas distintas de julgá-los. Contudo, a despeito do conhecimento proposicional ter como ponto de partida o indivíduo, a justificação não se encerra nele, pois os fatos não têm valor próprio e uma justificação para ser boa precisa resistir às contra-evidências.

Analisando a justificação a partir dessa perspectiva, percebe-se que a segunda condição do conhecimento nos fornece uma margem para esmiuçar na obra contra-evidências que enfraqueçam a justificação de Bentinho, mesmo que o personagem as considere “fracas” ou tente escondê-las na sua retórica. Se assim não fosse, prevaleceria o argumento de autoridade, em que todos deveriam se curvar às conclusões do personagem quanto à sua esposa conforme apontasse e valorasse as evidências a partir do seu ponto de vista. Portanto, o processo de justificação de crenças não é um exercício egocêntrico,<sup>2</sup> no qual basta Bentinho apontar boas razões. Uma boa justificação tem que resistir ao ataque das contra-evidências ignoradas ou desconhecidas pelo sujeito.

No caso, nosso universo de evidências deve-se limitar ao que foi narrado por Bentinho. Seremos obrigados a considerar que não há evidências desconhecidas por ele nem podemos inventá-las, isto é, buscar outras fontes que não estejam no mundo “*casmurriano*”.<sup>3</sup> Portanto, nossa tarefa será confrontar evidência e contra-evidências, de modo a aferir um grau de justificação. Se as contra-evidências ignoradas são boas razões, então a justificação dele é fraca. Seguindo o mesmo raciocínio, se as evidências nas quais baseia sua justificação são inatacáveis pelas contra-evidências, se estas houver, então Bentinho está justificado em sua crença.

## 2.1 As evidências apontadas por Bentinho na sua justificação

No final da obra, Bentinho expõe a questão se a Capitu da praia da Glória era a mesma de Matacavalos, ou se esta se modificara naquela. Conclui que não, que Capitu sempre foi a mesma, e para comprovar o mistério bastava unirmos as duas pontas da vida ou do livro, ou seja, verificar na Capitu criança (no tempo

2 Contudo, vale ressaltar que muitas questões internas ao indivíduo estão imbricadas na justificação. Sobre a discussão entre *internalistas* e *externalistas*, vide Luz, 2008.

3 Objetivamos, com isso, passar ao largo de alguns problemas apresentados por Gettier ao conceito de justificação. O que esse filósofo nos mostrou é que a busca por uma justificação que garanta a verdade é tarefa desarrazoada, porque há um universo de fatores externos a nós que nos afastam da verdade. V. Gettier, 2006.

de Matacavalos) sua grande capacidade de dissimular e enganar os outros. Para ele, a Capitu que tinha os olhos de dissimulada e era sonsa desde criança usou dos seus artifícios para enganá-lo e esconder o relacionamento dela com Escobar, do qual ela teria concebido Ezequiel, que é suposto filho do casal (Capitu e Bentinho).

Seguindo a dica de Bentinho, faz-se necessário buscar na Capitu criança situações (as evidências) que reforcem a crença de que ela sempre foi uma dissimulada, hábil em enganar os outros, e depois, já na Capitu adulta, as evidências que reforcem a crença de que Ezequiel não é filho de Bentinho. Uma terceira justificação também reforçaria a crença do personagem, porém a consideraremos como secundária, não porque seja uma evidência fraca (julgá-las não é o nosso propósito), e sim em razão do seu abandono no decorrer do livro, sendo sequer mencionada no final, mas que durante a infância dos dois foi muito ressaltada. Trata-se das pretensões da família de Capitu, e dela também, de ascenderem socialmente através do casamento de Capitu com Bentinho, o qual pertencia a uma família rica, ao contrário daquela.

O capítulo II do romance tem o título “Denúncia”, pois se refere à denúncia de José Dias à mãe de Bentinho, Dona Glória, a fim de que esta abrisse os olhos com relação à amizade de Capitu e Bentinho, já que o pai da garota, o Sr. Pádua, era um ganancioso que queria a qualquer custo ascender socialmente. Diz José Dias: “o pai faz que não vê; tomara que as cousas corresse de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não vê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm alma cândida...” (Assis, 1983, p. 9). Bentinho ouve o que José Dias diz a sua mãe porque está escondido atrás da cortina sem que ambos possam vê-lo. Após o evento, Bentinho afirma que “a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou” (Assis, 1983, p. 22), isto porque é nesse momento que ele se desperta para o sentimento de amor que sentia por Capitu. Até então ignorava que aquela antiga amizade estivesse fortemente unida por esse amor. Mas também a desconfiança de José Dias com relação aos interesses financeiros da família de Capitu com a união dos dois ficará gravada na memória de Bentinho. Em outra passagem, quando Capitu e Bentinho discutem o que fazer para que Bentinho não fosse ao seminário, passa pela rua um escravo cantando e vendendo doces, e Capitu “não quis saber de doce, e gostava muito de doce. Ao contrário, o pregão que o preto foi cantando ‘Chora menina, chora. Chora, porque não tem vintém’ a modo que lhe deixara uma impressão aborrecida” (Assis, 1983, p. 39). Noutro momento do romance, Bentinho já está no seminário, e Capitu começa a se aproximar de D. Glória. Essa aproximação das duas provoca em D. Justina uma reação de antipatia desta para com a garota. Diz Justina a Capitu: “Não precisa correr tanto; o que tiver de ser seu às mãos lhe há de ir” (Assis, 1983, p. 128).

No que diz respeito ao jeito dissimulador de Capitu, novamente é José Dias o primeiro a alertar Bentinho ou lhe denunciar, embora já estejamos noutro capítulo do romance. O “agregado”, após recomendar a Bentinho que parasse de andar com Capitu, diz a ele: “Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 1983, p. 50). Nada até então havia despertado Bentinho para isso, afinal nesse estágio da história sequer tinham começado o namoro ou dado o primeiro beijo. E é justamente na cena do primeiro beijo que Capitu revela pela primeira vez uma capacidade de fingir sem despertar a desconfiança de alguém. Capitu e Bentinho estão no quarto e se beijam, sendo que inesperadamente a mãe da garota entra no recinto. Bentinho fica paralisado sem saber o que fazer. Capitu, por sua vez, age naturalmente como se nada houvesse acontecido e conversa normalmente com sua mãe, a fim de disfarçar o que eles acabaram de fazer (cf. Assis, 1983, p. 73). Ao refletir sobre esses eventos, diz Bentinho: “no meio de uma situação que me atava a língua, [Capitu] usava da palavra com a maior ingenuidade do mundo” (Assis, 1983, p. 77). Em mais um evento envolvendo o beijo, agora quando eles já eram adolescentes, os dois são novamente quase flagrados por Gurgel, quando faziam uma visita à filha dele, Sancha, amiga de Capitu, que futuramente casará com Escobar. “Eu levantei-me depressa e não achei compostura; metia os olhos pelas cadeiras. Ao contrário, Capitu ergueu-se naturalmente e perguntou-lhe se a febre aumentara. [...] Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?” (Assis, 1983, p. 152).

Escobar não demonstra no decorrer da história muita aproximação com Capitu. Mantém de certa forma uma vida normal com sua esposa Sancha e não demonstra que tenha com ela uma vida de desconfianças. Contudo, há um trecho da história em que Bentinho nos revela um boato de que Escobar teria traído a esposa: “Escobar e a mulher viviam felizes; tinham uma filhinha. Em tempo ouvi falar de uma aventura do marido, negócio de teatro, não sei que atriz ou bailarina, mas se foi certo, não deu escândalo” (Assis, 1983, p. 185). Como o próprio Bentinho afirma, trata-se de um boato, e ele não menciona o assunto em nenhum outro momento da obra, seja numa conversa particular com o amigo, seja no comentário de outra pessoa. Citamos o fato para o devido registro e para ser somado ao conjunto das evidências de Bentinho.

Ezequiel falece no Egito, onde é enterrado. Seus amigos, que o acompanhavam na viagem, procuram na Bíblia uma passagem do profeta Ezequiel e inscrevem-na no túmulo do colega. Eis a inscrição: “Tu eras perfeito nos teus caminhos”. Bentinho ao saber da morte do “filho” procura a passagem bíblica e descobre que ela estava incompleta. Eis a inscrição completa: “Tu eras perfeito nos teus caminhos, *desde o dia da tua criação*”. Pergunta-se Bentinho: “Quando seria o dia da criação de Ezequiel? Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para ajuntar aos tantos deste mundo” (Assis, 1983, p. 243).

A medicina da época histórica do romance não podia proporcionar a Bentinho os recursos de que hoje nos valem. Os processos judiciais até a década de oitenta e início da de noventa do século XX tinham dois meios de prova para investigar a paternidade: a) o testemunho de terceiros, pessoas que viam o casal sempre junto ou que ouviram o pai assumindo a paternidade; e/ou b) as semelhanças físicas da criança com o pai.

No *Dom Casmurro*, não há o testemunho direto de outros personagens que digam que Capitu e Escobar tinham um relacionamento amoroso. Há, porém, aquele que primeiro lança dúvidas na paternidade do garoto. Novamente, é José Dias o primeiro a se manifestar. Ele estivera na véspera da sua visita à criança a folhear a Bíblia, no livro do profeta Ezequiel, e perguntava à criança: “Como vai esse filho do homem? Dize-me, filho do homem, onde estão os teus brinquedos?”. Capitu se mostra irresignada e agastada com o jeito de falar de José Dias, e assim que este vai embora pergunta a Bentinho: “Que filho do homem é esse?”. E ele responde: “São os modos de dizer da Bíblia”. Mas ela diz não gostar daquele jeito de José Dias (cf. Assis, 1983, p. 206).

Nesse estágio da história, a criança já começa a ter algumas características físicas de Escobar. E, à medida que o tempo passa, os traços físicos ficam cada vez mais fortes, e já começam a despertar a curiosidade de alguns, inclusive da própria Capitu: “Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? Perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar” (Assis, 1983, p. 224).<sup>4</sup> Bentinho se aproxima de Ezequiel e concorda com Capitu: “eram os olhos de Escobar” (Assis, 1983, p. 225). Aquela situação incomodava o casal, o que acabou por se refletir no relacionamento dos dois, que começaram a se afastar e a ficar incomodados até mesmo com a presença da criança (cf. Assis, 1983, p. 227). Resolvem então deixar Ezequiel num colégio de internato, para tentar restabelecer a relação do casal. Contudo, a semente da desconfiança já havia sido plantada por José Dias, e o tempo a fez crescer e florir. Quando Ezequiel volta do colégio, observa Bentinho: “a volta dele [...] era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso” (Assis, 1983, p. 228).

Entre os outros personagens, o que de repente muda o comportamento com relação ao casal é a mãe de Bentinho. “Disse-lhe que começava a achar a minha mãe um tanto fria e arredia com ela [Capitu] [...] e tenho notado que já é fria também com Ezequiel” (Assis, 1983, p. 204).

Bentinho envia Capitu e Ezequiel à Suíça. Capitu não se casará novamente e falecerá ainda naquele país. Ezequiel, já adulto, resolve fazer uma visita a Bentinho, que registra neste trecho suas impressões quando viu o rapaz: “Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do

---

4 Escobar morrerá afogado na praia da Glória num dia em que o mar estava de ressaca.

seminário de São José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. [...] Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar” (Assis, 1983, p. 245).

## 2.2 As contra-evidências desconsideradas por Bentinho

José Dias é o personagem que está por trás de todos os eventos que marcam o início das desconfianças de Bentinho em relação a Capitu. Foi o primeiro a fazer Bentinho desconfiar da fidelidade da esposa, quando os dois ainda eram crianças; das pretensões econômicas de Capitu e de sua família, usando-o para ascenderem socialmente; bem como foi o primeiro a insinuar que Ezequiel não era filho de Bentinho.

A palavra “cálculo” é constante nas falas de José Dias. Como bem observa Bentinho, ao se referir a ele: “E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do *cálculo* que da índole” (Assis, 1983, p. 13). José Dias é considerado, por exemplo, pelo Sr. Pádua, pai de Capitu, como um parasita, por ser o que se aproveitava da família de Bentinho para galgar uma maior posição social. Um dos exemplos é quando José Dias denuncia as supostas pretensões econômicas do Sr. Pádua na relação de sua filha, Capitu, com Bentinho. Pode parecer que José Dias visa à proteção do patrimônio da família, porém o que se vê na atitude dele é mais um dos seus cálculos, por querer fazer de Bentinho padre, ou talvez ocupante de outro cargo da Igreja, a fim de se aproveitar da sua aproximação com o garoto e do *status* social que tais laços de amizade lhe dariam. Por isso José Dias alertava a mãe para a amizade dos garotos, uma vez que, se ambos comessem a namorar, Dona Glória poderia desistir de sua promessa de enviar o filho para o seminário, ou poderia aquilo gerar algum impedimento para a vida sacerdotal. Justina é que nos revela a maldade de José Dias a Bentinho: “Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião” (Assis, 1983, p. 45).

Quando Bentinho está no seminário, pede ajuda a José Dias para que este convença D. Glória de que o seu filho, Bentinho, não levava jeito para a vida de padre. José Dias se recusa a cooperar. Todavia, assim que Bentinho revela que preferiria estudar Direito em Coimbra a ser padre, José Dias muda de opinião e aceita a proposta do garoto de convencer D. Glória. A Europa é o sonho de José Dias! Fica encantado com a possibilidade de Bentinho ir estudar na Europa, e ele ter que acompanhar o garoto. Era mais uma chance de galgar um sonho do que ajudar Bentinho a sair do seminário. Após o episódio, anota Bentinho a respeito da mudança de comportamento de José Dias: “José Dias tratava-me com extremos de mãe e atenção de servo” (Assis, 1983, p. 48).

Esse é o José Dias da juventude de Bentinho, cujo lema era, segundo suas próprias palavras, “se vontade de servir é poder de mandar, estamos aqui, estamos a bordo” (Assis, 1983, p. 54). Até o casamento de Bentinho e Capitu, agiu de modo calculado para fazer seu bom papel de “parasita”: transformar Bentinho numa pessoa importante socialmente, seja na vida sacerdotal, seja nos seus estudos na Europa, para que este o carregasse consigo, para desfrutar da aproximação e de um pouco da réstia do *status* social. Era o homem que apostava piamente na homeopatia: “a homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti”, diz José Dias (Assis, 1983, p. 13).

No entanto, se a Capitu de Matacavalos é a mesma da praia da Glória, e essa é a aposta de Bentinho, definitivamente José Dias da fase pós-casamento do casal não é o mesmo da anterior. Quando José Dias já estava velho e doente, Bentinho diz que chamará um homeopata para cuidar do agregado, o que nos revela sua transformação: “Não, Bentinho; basta um alopata, em todas as escolas se morre. Demais, foram idéias da mocidade, que o tempo levou; converto-me à fé dos meus pais. A alopatia é o catolicismo da medicina” (Assis, 1983, p. 241).

É importante perceber essa mudança de comportamento durante a vida de José Dias, porque ele deixará de ser o que tenta a todo custo impedir o casamento de Bentinho com Capitu, para ser o que colaborará para desconstruir qualquer objeção a ele. Isso fica evidente, por exemplo, no episódio em que a mãe de

Bentinho, D. Glória, modifica o seu comportamento com relação a Capitu e Ezequiel. José Dias, indagado por Bentinho do porquê da frieza e da escassez das visitas de sua mãe, responde-lhe: “Não havia nada, nem podia haver cousa nenhuma, tantos eram os louvores incessantes que ele ouvia ‘à bela e virtuosa Capitu’” (Assis, 1983, p. 205). E atribuiu a escassez de visitas da mãe de Bentinho ao seu reumatismo (cf. Assis, 1983, p. 206). E de fato com o tempo o afastamento e a frieza de D. Glória vão se extinguindo, mas o que convém notar é a mudança de José Dias, que pode gerar algumas confusões, pois deixa de ser um fator de produção de evidências, o qual tinha uma idoneidade suspeitosa pelo que já foi explicado, e passa a ser o que reconhece a bênção do casamento. Afirma José Dias: “Para quem chegou, como eu, a arrengar deste casamento, era duro confessar que ele foi uma verdadeira bênção do céu” (Assis, 1983, p. 205).<sup>5</sup>

Outro personagem que também colaborou algumas vezes para deixar em dúvida ou fazer insinuações a respeito das pretensões de Capitu e de sua fidelidade foi Justina, prima de D. Glória. Acontece que o testemunho dela ou suas opiniões são também de pouca credibilidade. Consoante as palavras de Bentinho, Justina “era assaz sincera para dizer o mal que sentia de alguém, e não sentia bem de pessoa alguma. Talvez o marido, mas o marido era morto” (Assis, 1983, p. 127).

Doravante analisaremos nas atitudes de Capitu contra-indícios das acusações que lhe eram feitas. A primeira delas trata dos supostos interesses econômicos de Capitu em se casar com Bentinho, para ter uma ascensão na vida. No início do romance houve várias insinuações, mas que deixaram de existir no decorrer da história, talvez porque as atitudes de Capitu nunca tenham demonstrado qualquer tipo de ganância ou preciosismo com luxos e regalias de uma vida rica. Nesta passagem isso fica evidente, consoante as palavras de Bentinho: “Embora [Capitu] gostasse de jóia, como as outras garotas, não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma”. E mais adiante completa: “[Capitu] era poupada [...], e não só de dinheiro mas também de cousas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade” (Assis, 1983, p. 186-7).

Não resta dúvida de que há algo de estranho com tantas semelhanças entre Escobar e Ezequiel. Como alguém pode se parecer tanto com outra pessoa que não é seu pai nem de sua família? Essa é a pergunta que Bentinho nos faz e deixa-nos com a difícil tarefa de resolvê-la. A semelhança entre as pessoas tão próximas, mas que não são parentes, é indubitavelmente um evento raro. Mas não impossível. Pelo menos, essa “raridade” acontece duas vezes no *Dom Casmurro*. São elas: a já citada semelhança entre Escobar e Ezequiel, e a outra é entre Capitu e a mãe de Sancha. Naquele episódio em que Bentinho e Capitu, ainda adolescentes, se beijam e são quase flagrados por Gurgel, pai de Sancha, há um diálogo que o sucede entre Gurgel e Bentinho, quando Capitu sai da sala e vai conversar com a amiga, Sancha, no quarto. Nesse momento Gurgel mostra a Bentinho um quadro de sua falecida esposa e comenta justamente as semelhanças entre Capitu e ela (Assis, 1983, p. 152).

Percebe-se no romance que há dois tipos de características em Ezequiel que se bem distinguidas podem nos apontar para interessantes contra-evidências. Um conjunto de personagens costuma ressaltar as semelhanças no jeito de Ezequiel, isto é, as maneiras de se comportar, tais como a forma de andar, de mexer a cabeça e as articulações gestuais de modo geral. Diz Bentinho: “Alguns gestos já vão lhe ficando mais repetitivos, como o das mãos e pés de Escobar; ultimamente, até apanhara o modo de voltar a cabeça deste, quando falava, ou de deixá-la cair, quando ria” (Assis, 1983, p. 206). Por outro lado, há os que vêem semelhanças físicas, como os olhos, a boca, a face etc.

Os dois grupos precisam ser separados, pois ter o mesmo modo de andar é diferente de ter os mesmos olhos de alguém. O jeito como Escobar mexe a cabeça pode ser copiado por qualquer pessoa, mas ter os mesmos olhos só a natureza define. É neste ponto que as contra-evidências começam a surgir e as evidências perdem um pouco de sua força. No romance, Ezequiel no tempo de criança sempre se mostrou um

---

5 Essa mudança de comportamento de José Dias esconde uma inteligente estratégia do narrador-personagem Bentinho e do narrador real Machado de Assis. Maiores detalhes dessa “jogada retórica” serão discutidos na terceira parte deste artigo, acerca da verdade.



habilidoso em imitar os outros, e isto é uma característica observada por todos os personagens, pois o garoto não imitava só Escobar, e sim a todos. Diz José Dias: “quando [Ezequiel] copia os meus gestos, parece-me que sou eu mesmo, pequenino. Outro dia chegou a fazer um gesto de Dona Glória, tão bem que ela lhe deu um beijo em paga” (Assis, 1983, p. 206). Outros dois personagens que também fazem comentário acerca da imitação gestual de Bentinho são Escobar e sua esposa Sancha. Ambos, porém, observam que Ezequiel copia os modos da filha do casal (Assis, 1983, p. 208). O que se vê nessas passagens é que ninguém faz qualquer comentário a respeito da semelhança “física” entre Ezequiel e Escobar, sendo que o único a observá-la é o próprio Bentinho. Quando Capitu menciona uma semelhança entre ambos, refere-se à “expressão do olhar”, e não aos próprios olhos (Assis, 1983, p. 224).

No que diz respeito às semelhanças físicas (lembre-se que estas são diferentes da gestual), se algum personagem percebeu-as entre Ezequiel e Escobar, fato é que não existe uma passagem sequer em que algum personagem a mencione – Bentinho é o único que diz ver tantas semelhanças físicas entre o seu filho e Escobar –; e que as semelhanças, se existentes, só poderiam ser corroboradas pelos outros quando Ezequiel era criança, visto que, após ser enviado à Suíça, ninguém em vida mais o viu. Quando Ezequiel retorna adulto para visitar Bentinho, a maioria está morta: Dona Glória, Capitu, Escobar e José Dias. Sancha está viva, porém Bentinho não teve mais notícias dela. A única que ainda pode confirmar as impressões de Bentinho é Justina, que pede para ver Ezequiel, porém falece antes de realizar o intento (Assis, 1983, p. 245). E, novamente, a única testemunha a nos dar informação sobre a aparência física de Ezequiel é Bentinho.

Tendo em vista que Bentinho é o único a ressaltar as semelhanças físicas, análises desvirtuadas da realidade podem ocorrer, uma vez que ele está dominado pelo ciúme e tem como característica ser um cismado com tudo. Bentinho reconhece essa possibilidade quando está a observar o olhar de Capitu no enterro de Escobar. Observemos: “Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe a dissimulação, se houvesse algo que dissimular. [...] Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar como sempre” (Assis, 1983, p. 219).

### 2.3 Capitu era mais mulher do que Bentinho era homem<sup>6</sup>

Até agora não apontamos nenhuma contra-evidência para as características que foram atribuídas a Capitu e que a definem como pessoa dissimuladora. Observamos no tópico anterior que pulamos essa parte. A omissão foi proposital. Isso não significa que não existam contra-evidências, e que, portanto, Capitu é de fato uma dissimuladora. Esse não é o raciocínio a que queremos chegar.

Na verdade, se Capitu é ou não dissimuladora, trata-se de um julgamento moral dos outros personagens, mormente de Bentinho. Buscar contra-evidências seria um exercício inútil, já que isso exigiria de nós também um julgamento moral, o que nos forçaria a assumir um partido, carregando nossa investigação de preconceitos. Nosso objetivo é específico dentro da epistemologia: o problema da definição do conhecimento proposicional.<sup>7</sup>

6 Essa é uma afirmação do próprio Bentinho: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (Assis, 1983, p. 61).

7 Não corroboramos a tese dos que querem limitar ao máximo o objeto da epistemologia como livre de questões éticas, morais e políticas. É certo que a definição de conhecimento proposicional da perspectiva assumida por nós e a forma como delimitamos esse problema prescinde dessas outras áreas da filosofia. No entanto, pensamos que a epistemologia não se limita à definição do conhecimento proposicional. Engloba sim outras áreas do saber e pode ser complementada, *v.g.*, pela ética. Neste ponto, filiamos-nos ao pensamento do Prof. Dr. Eduardo Gomes de Siqueira (2008) e da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>ª</sup> Sílvia Faustino de Assis Saes (2008), defendido na mesa-redonda “O conhecimento e seus limites”, no dia 3 de dezembro de 2008, durante o II Colóquio Conhecimento & Ciência, realizado na UFS.

O que trazemos à baila pode ser interpretado como um reforço à crença de Bentinho, como também um contra-argumento para o julgamento dele. Isto porque a figura feminina de Capitu no romance envolve valores de uma época, que se modificaram, se bem que muitos deles não deixaram de existir. A narrativa se dá no tempo do Império, durante o segundo reinado. “Éramos” uma sociedade fortemente patriarcal e machista. A boa mulher era a chamada de “prendada”, isto é, ótima nos serviços domésticos e submissa ao marido. A despeito de Bentinho não ter nenhuma reclamação quanto ao primeiro requisito, percebe-se no romance que Capitu foge dos padrões da mulher da época. Não é uma personagem fora do seu tempo, que rompe com os padrões e as regras de comportamento, mas há traços que a distinguem das demais mulheres do seu tempo. No seu casamento, por exemplo, o padre cita um versículo da primeira epístola dos romanos, que diz: “As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno dela o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração”. No dia seguinte, Capitu diz a Bentinho que “estava por tudo, que eu [Bentinho] era a única renda e o único enfeite que jamais poria em si” (Assis, 1983, p. 81-2). Para a época, uma mulher que assim se expressa pode soar estranho aos ouvidos de uma sociedade acostumada a vê-la submissa ao homem. Mas, após reconhecermos a igualdade de direitos entre os sexos, a revolução feminina, o fortalecimento da mulher na sociedade, somos obrigados a nos desprender dos preconceitos e deixarmos, ao menos, em dúvida se uma mulher que mostre certo grau de autonomia, se isso justificaria, por si só, a sua infidelidade perante o marido.

### 3. Verdade

Dar um conceito último para a verdade não é um trabalho da epistemologia. A metafísica é que tenta encontrar a essência da verdade. Mas, por ser uma das condições do conhecimento, cabe-nos fixar um parâmetro, um critério mínimo, a fim de nos orientarmos. A proposta mais razoável é assumir o termo verdade como normalmente se diz que algo é verdadeiro, ou seja, quando há uma correspondência com os fatos.

Embora essa definição nos auxilie a determinar em muitas situações se havia ou não conhecimento por parte do sujeito, é bem verdade que ela tem alguns problemas. Aplicando-a ao romance, infere-se que é verdade que Capitu traiu Bentinho se e somente se ela de fato o traiu. Acontece que, para sabermos se ela traiu ou não Bentinho, temos que definir um conceito para (in) fidelidade. O que é trair ou ser (in)fiel? Se Capitu sonha com Escobar, que estão relacionando-se sexualmente, ela traiu Bentinho? E se ela tiver as mesmas idéias intencionalmente no pensamento? Um beijo na boca já é traição? Fidelidade é uma palavra vaga que requer uma definição.

A primeira maneira de encontrar uma definição para infidelidade é através do próprio personagem. Bentinho diz que “faltar ao compromisso é sempre infidelidade” (Assis, 1983, p. 202). Mas, qual compromisso? Se interpretarmos compromisso estritamente, a conclusão será que Capitu nunca traiu Bentinho, pois o único compromisso expresso que ela assumiu foi o de nunca casar com outro homem que não fosse Bentinho. Bentinho lhe pergunta: “Jura que só há de casar comigo?”. Ela responde: “Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca” (Assis, 1983, p. 94). E, com efeito, Capitu casou-se somente com Bentinho, mesmo tendo vivido todo um tempo sozinha na Suíça.

Não obstante, parece-nos óbvio que Bentinho não usou o termo nesse sentido tão limitado. Referiu-se provavelmente aos compromissos do casamento. Entre eles está o da fidelidade. Voltamos à mesma questão e ainda não temos uma definição. Subsiste neste ponto de nossa reflexão um problema que é típico da filosofia da linguagem e que não tentaremos resolver, porque essa é uma discussão que está além do que almejamos com um trabalho de iniciação à teoria do conhecimento.

O conceito de verdade como correspondência com os fatos, ainda que problemático para definir o termo fidelidade, não nos impede de prosseguir nossa reflexão e cumprir com nosso objetivo de determi-

nar se “Bentinho sabia que Capitu o traiu”, aplicando-lhe o conceito de conhecimento como crença verdadeira e justificada. Novamente, recorreremos àquilo que costumamos considerar como traição. Leitor, pensa em qualquer motivo que consideras como suficiente e *normal* para definir infidelidade e que envolva Capitu e Escobar. Feito isso, agora, apliquemo-lo no romance.

Como perceberás, é impossível encontrar no romance qualquer situação que tenhas imaginado e que a confirme por correspondência com os fatos narrados. Machado de Assis conseguiu com sua genialidade escondê-la na sutileza de suas palavras e na ambigüidade dos seus personagens.

Não obstante, o que vemos no romance não é algo estranho na nossa realidade quanto à constatação da verdade. Nem sempre temos a certeza de que algo é verdadeiro ou tempo para esperar o final da “história” para a verdade ser revelada. A verdade enquanto certeza, constatação e correspondência, ao longo da história da humanidade, nunca nos foi tão evidente e usual. No entanto, isso nunca nos impediu de conhecer ou de construir conhecimento.

A tentativa corrente que costumamos fazer de reforçar nossas razões (evidências), para sustentar a veracidade de algo é o meio mais “responsável” para se conhecer. Tal perspectiva epistemológica afasta-se de uma postura dogmática, comum na filosofia, de que para conhecer é necessário *garantir* a verdade, como se esta fosse algo atemporal, universal e inabalável.

Segundo Luz (2007), uma maneira de contornar o problema cético é apelar para os padrões comuns de inferência e o mérito da conquista das evidências. O mérito da justificação requer o expurgo do elemento sorte do conhecimento. E padrões comuns de inferência significam que, diante de um conjunto de evidências contrastadas pelas contra-evidências, aquelas consigam sustentar com razoabilidade a verdade proposta, excluído todo elemento estranho à razão e que não seja contra-intuitivo. É bem verdade que nesta proposta não alcançamos o grau máximo de certeza do conhecimento que sempre se almejou na filosofia dogmática, mas, por sua vez, ela nos impede que caiamos num relativismo total do conhecimento, porquanto a justificação não se restringirá ao um único ponto de vista, eis que terá que suportar sua razoabilidade diante das contra-evidências sustentadas por outrem.

Diante do que foi apresentado, possivelmente concluiria Bentinho que é verossímil que Capitu o tenha traído, visto que “a verossimilhança [...] é muita vez toda a verdade” (Assis, 1983, p. 22). Essa não é, porém, uma inferência correta. Recorrer a padrões comuns de inferência e ao mérito da justificação não significa substituir verdade por verossimilhança.<sup>8</sup>

Quando Bentinho diz que a verossimilhança é muita vez toda a verdade, revela-nos o seu critério de raciocínio e argumentação, os quais são peculiares à retórica. Não é estranho que assim pense o personagem, que é um bem-sucedido advogado, portanto reconhecidamente um profissional especialista na arte de argumentar e convencer. Dessa forma, não podemos perder de vista que há uma mente pensante no *Dom Casmurro* que reconstrói a sua própria história e sabe aonde quer chegar. Bento quer nos conduzir para (convencer de) uma conclusão a qual logrou, qual seja, a de que Capitu o traiu. Para tanto, coloca-se no papel de advogado de defesa, mas também como vítima. Desse modo, segundo Santiago, é um equívoco procurarmos a verdade a respeito de Capitu, quando “a única verdade a ser buscada é a de Dom Casmurro” (1978, p. 32).

A (única) verdade do personagem Bento não tem qualquer relação com o sentido que demos ao termo. Como um bom retórico, a pretensão do personagem é fazer do seu ponto de vista a única verdade. Não

---

8 A substituição da verdade pela verossimilhança tem um histórico antigo na filosofia. Em linhas gerais, para o sofista, o importante é a arte da retórica, o poder de persuasão do orador capaz de fazer belos discursos e convencer o público. Como o bom orador é o que se utiliza do poder da sua argumentação para fazer da mentira a verdade, do feio o belo, pouco lhe importa ter uma fidelização para com a verdade, pois o que deve fazer é passar o verossímil pelo verdadeiro. É necessário, pois, desligar-se do que é verdadeiro e da realidade. Sócrates e Platão refutarão os sofistas justamente porque a filosofia surge com a pretensão de encontrar o que é verdadeiro. Acusam os sofistas de corromperem a educação dos gregos, pois a retórica desliga-os por completo da realidade, o que impediria a formação do bom cidadão e do filósofo.

podemos, com isso, nos enganar quanto aos objetivos dele: justificar-se moralmente por ter rompido com a esposa e convencer-nos de que ela é culpada pelo fracasso do casamento. Sendo assim, “todas as decisões [de Bentinho] não se justificam (...) pelo pleno conhecimento da verdade, mas por acreditar que os acontecimentos se encaixam e podem ser explicados pelo verossímil” (Santiago, 1978, p. 35).

A primeira estratégia dessa retórica da verossimilhança que ressaltaremos é a necessidade de fazer o leitor esquecer-se de que quem narra a história é o mesmo que criou o mistério da traição e, principalmente, o que se coloca na posição de vítima. A forma como isso ocorre pode ser encontrada naquela citação de Montaigne, na qual Bento reforça a crença de que narrando a sua vida revelaria sua própria essência, como se ele fosse um sujeito imparcial e não houvesse qualquer pré-julgamento a respeito daqueles fatos. Ou seja, diz que entre a narração da sua própria vida e a verdade não há a intermediação e a interferência de um sujeito pensante e interessado na sua conclusão.

Eis aí a razão pela qual Bentinho parece nunca se posicionar sobre o comportamento de Capitu durante o romance até concluir, ao final, pela traição. Deixa sempre os julgamentos morais para os outros personagens. Todas as acusações contra a personagem sempre partiram de José Dias e Justina, sendo que Bentinho apenas se apresentava como o que foi “despertado” para tal revelação. E, para reforçar a sua imparcialidade e o seu papel de vítima, Bentinho não se esquece de desmerecer moralmente os acusadores, chamando um de “parasita” e a outra, a que não fala bem de ninguém. Dando incoerência, inconsistência ao testemunho e contradições ao comportamento destes personagens, Bentinho não apenas reforça o seu papel de vítima, mas também se apresenta como o único moralmente capaz de fazer um julgamento (cf. Santiago, 1978, p. 40-1).

Após persuadir-se, Bento considera-se capaz de convencer os outros e para isso decide escrever o livro. O caminho seguido por ele até chegar à sua conclusão, o personagem nos pede que o sigamos pelo mesmo percurso, vale lembrar, que procuremos se a Capitu da praia da Glória já estava naquela de Matacavalos, ou seja, se a Capitu adulta é a mesma de criança. Feita a proposta de análise, Bentinho maliciosamente dedica 2/3 do romance para contar as tais peripécias do personagem Capitu criança, descrevendo-o “em situação favorável, ao passo que os restantes 1/3 o surpreenderiam quando comete os atos que realmente procura justificar pelos atos de Capitu menina”, como se também “o dócil e angelical filho de Dona Glória” fosse o mesmo casmurro, preconceituoso e advogado que relembra esses fatos no final de sua vida (Santiago, 1978, p. 36).

No 1/3 restante do livro, Bentinho inaugura seu outro cacoete retórico que é o recurso ao bom senso do leitor. Essa segunda fase do romance é o início do maior argumento utilizado por Bento para nos convencer da traição, quando equipara as semelhanças físicas entre Ezequiel e Escobar. Visa utilizar-se do bom senso do leitor sintetizado no provérbio popular “filho de peixe, peixinho é” (Santiago, 1978, p. 38). Reforça seus argumentos jogando com os preconceitos da sociedade brasileira, a qual, acostumada também a fazer essas comparações com as semelhanças físicas entre pai e filho, se sentirá confortável para julgar e condenar Capitu, contudo sem perceber as nuances e malícias da retórica casmurra, que inteligentemente usa os preconceitos do brasileiro para captar o leitor e deixá-lo favorável à posição do narrador/personagem.

## Conclusão

A pergunta “Bentinho sabia que Capitu o traiu?” nos forçou a realizar uma reflexão a respeito da questão “o que é conhecimento?”. Mesmo reconhecendo a definição tradicional de conhecimento como insuficiente para abarcar todos os casos em que conhecemos por proposição, foi a ela que recorreremos como base mínima e razoável para “esclarecer” diferenças básicas entre o “conhecer” e o “não conhecer” ou a opinião. É bem verdade que, ao discorrermos a respeito dos conceitos de crença, justificação e verdade,

requisitos estes do conhecimento, pecamos por ignorar problemas mais complexos, críticas filosóficas formuladas pela tradição e as mais recentes leituras epistemológicas.

Contudo, acreditamos que o propósito desta reflexão foi cumprido, a saber, fazer uma introdução à teoria do conhecimento a fim de refletirmos sobre o que é necessário, no mínimo, para conhecer por proposição. Compreender que crença, verdade e justificação são conceitos independentes e que “conhecer” não é um problema de ponto de vista é fundamental na formação da juventude brasileira que sai das escolas pensando que conhecer é um ato de autoridade ou que nada conhecemos porque a ciência constantemente está revendo seus posicionamentos. Os efeitos dessa “epistemologia desclarecida” são notórios na sociedade, refletindo no âmbito da política, da ética e da religião.

Assim, com esse exercício de análise do conhecimento casmurro, sentimo-nos seguros para dizer que Bentinho *não* sabia que Capitu o traiu. Não se trata de um problema referente à crença nem à verdade. Ainda que a verdade não venha explícita no romance, ela não nos impediria de conhecer se Capitu traiu ou não Bentinho. Era necessário que o personagem fosse capaz de nos apresentar fortes razões para sua crença, de tal modo que pudéssemos fazer uma inferência “responsável” após confrontá-las com as contra-evidências ou argumentos contrários. E esse foi o método a que sujeitamos a narração do personagem e que pensamos melhor contribuir para formação básica dos educandos, enfatizando a importância da justificação para conhecermos algo.

Esperamos que esta proposta de criar conexão entre a filosofia e a literatura possa servir como forma de *sedução* do educando das bases escolares para a reflexão filosófica, e que seja entendida como um *primeiro passo* (não o único) na tentativa de resolver uma ambigüidade que acompanha a filosofia desde o seu surgimento entre os gregos. A filosofia “floresce” nas praças, desenvolve-se no espaço público e depende dele, porém o “público” nunca vem a ela. É-lhe, com efeito, peculiar a abstração, a profundidade da reflexão, a exigência de correção e rigor conceitual, mas isso não significa que devamos encastelá-la nas universidades ou fazer-lhe uma ciência dos “eleitos” e *filosofantes*.

### Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.
- COSTA, João Cruz. *História das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- FELDMAN, Richard. *Evidentialism*. Oxford: U. Press, 2004.
- GETTIER, Edmund. *Crença verdadeira justificada é conhecimento?* Trad. de Alexandre Meyer Luz. [online] Disponível na Internet via correio eletrônico: meyerluz@terra.com.br. Abril 2006.
- HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- LUZ, Alexandre Meyer. O que é o “Conhecimento”? *Revista da FAPES de Pesquisa e Extensão*, v. 2, p. 37-52, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento e justificação: problemas de epistemologia contemporânea*. [2008] [No prelo].
- PAULA, Márcio Gimenes de. A filosofia no ensino médio: uma análise a partir da história das idéias no Brasil. *Revista da FAPES de Pesquisa e Extensão*, v. 4, p. 41-8, 2008.
- PLATÃO. Banquete. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SAES, Sílvia Faustino de Assis. *A retórica e o conhecimento dos valores*. In: II Colóquio Conhecimento & Ciência – UFS, 2008, São Cristóvão/SE.
- SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. de Ísis Borges B. da Fonseca. 17. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2008.